


# TRÊS APITOS REMANESCENTES: UM ESTUDO SOBRE A PAISAGEM DA ANTIGA FÁBRICA CONFIANÇA (BAIRRO DE VILA ISABEL, MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO)

GUSTHAVO GONÇALVES ROXO\*

[gusthavogoncalvesroxo@gmail.com](mailto:gusthavogoncalvesroxo@gmail.com)

 10.64082/phs.2024.02.4.9

## RESUMO ABSTRACT

Este artigo é fruto de pesquisa sobre a “Fábrica Confiança” eternizada na canção “Três Apitos” de Noel Rosa, reconhecida como um dos marcos simbólicos do bairro de Vila Isabel. Através da arqueologia da paisagem e da arqueologia industrial oferece e relaciona o espaço com acontecimentos históricos e sociais que afetaram esta fábrica e seu entorno.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Paisagem; Patrimônio; Indústria.

***Three remnant whistles: a study of the landscape of the former Confiança Factory (Vila Isabel neighborhood, Rio de Janeiro municipality).***

*This article is the result of research into the “Confiança Factory” eternalized in Noel Rosa’s song “Três Apitos”, recognized as one of the symbolic landmarks of the Vila Isabel neighbourhood. Through Landscape Archaeology and Industrial Archaeology, it offers and relates the space to historical and social events that affected this factory and its surroundings.*

**Keywords:** Archaeology; Landscape; Heritage; Industry.

\* Museólogo (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO), Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional - UFRJ, Doutorando no Museu Nacional.

## **A INDUSTRIALIZAÇÃO, ECONOMIA E O**

capitalismo mudaram o mundo. Desde a década de 1960, pela primeira vez em nossa história, mais da metade da população brasileira passou a viver em cidades (Brito, 2006). Se hoje as distâncias são pequenas e temos notícias do outro lado do globo em segundos isso só é possível graças à indústria que por séculos se aperfeiçoou.

Apesar de ter sido tardia, a industrialização brasileira não foi menos importante ou menos significativa. Deixou e segue deixando marcas em nossa sociedade, no espaço e em nossas memórias. Seus remanescentes materiais e imateriais ainda estão presentes e ainda moldam a rotina de muitos lugares.

Uma significativa herança das fábricas são os grandes espaços na cidade que por algum tempo escaparam da especulação imobiliária. Diversas fábricas viraram condomínios após seu fim, como a antiga “Fábrica Cruzeiro” no Andaraí, onde resiste uma chaminé e uma torre-relógio. Outras tornaram-se estacionamentos, ainda há as que tiveram suas áreas transformadas em praça pública, como o caso da “Praça Saens Peña” no bairro da Tijuca, que ocupa o que foi um dia o terreno de uma fábrica de papelão. Construídas e ocupadas por trabalhadores, fábricas e indústrias influenciam a sociedade. Elas geram empregos, oportunidades e incentivam o mercado. A mão de obra é fundamental tanto no seu surgimento como para seu fim. Hoje, muitos espaços têm outras finalidades.

A região da Grande Tijuca, outrora chamada de Grande Andaraí, surgiu em 1565, alguns meses após a fundação da cidade do Rio de Janeiro, quando Estácio de Sá presenteou com uma sesmaria o Colégio dos Jesuítas, conforme aponta Antônio Maia em “Tijuca: apontamentos para a história do aristocrático bairro” (1984). As terras que hoje integram Vila Isabel faziam parte dessa sesmaria. A Fazenda dos Macacos como era conhecida, foi arrendada depois da expulsão dos jesuítas do Brasil.

Com o decreto de expulsão da companhia de Jesus do Brasil em 1759, a estrutura territorial da região se transformou. Todos os bens da ordem religiosa foram sequestrados e incorporados aos bens públicos [...] Das terras jesuítas, as do Engenho Velho mais próximas do Centro, foram logo retalhadas e arrendadas. Surgiriam então fazendas e chácaras de abastadas famílias brasileiras e estrangeiras que procuravam a região para fugir do calor e das epidemias do centro da cidade (Oliveira, 2005, p. 17).

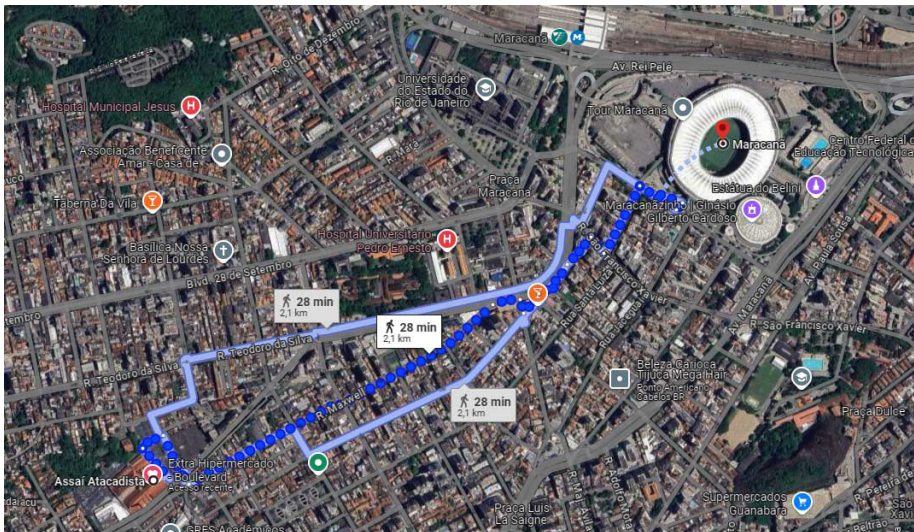
Já o primeiro foco de urbanização na região da Grande Tijuca, segundo Maia (1984), surge com o Largo das Chitas na década de 1820, local de uma fábrica de pigmentação de tecidos. Em 1911, o Largo mudaria de nome para Praça Saenz Peña, numa homenagem aos presidentes da Argentina. A região como um todo foi residência de muitas outras fábricas ao longo do tempo: a Usina, como é conhecida popularmente. O trecho entre a parte central da Tijuca e

o Alto da Boa Vista abrigou a fábrica de cigarros da Souza Cruz até os anos 1980. Nos bairros do Andaraí e de Vila Isabel existiram as fábricas de tecido América Fabril e a Companhia Confiança. No Grajaú, além de tecidos, havia até mesmo uma fábrica de armas:

Desde o final do século XIX, várias fábricas foram se instalando no Andaraí, atraídas pela quantidade e qualidade de água na região, pelo sistema regular de transporte e pelo preço relativamente mais baixo dos terrenos. Podemos citar, por exemplo, várias olarias, três grandes fábricas de tecidos (América Fabril, Fábrica Confiança e Cruzeiro) e muitas outras, de porte variado, como Vidros Escarroni, Lanifício Ideal, Indústrias Reunidas Alba (de material sanitário), Fábrica de Projetis de Artilharia, Hanseática, Botões Hashya, Orlando Rangel, Capivarol, Merck, Knoll, Hidroesb (Franca, Leite, Santa, 2003, p. 66).

Vila Isabel, por sua vez, foi o primeiro bairro planejado da cidade do Rio de Janeiro. Parte da Fazenda dos Macacos e propriedade de D. Pedro I, o terreno foi vendido posteriormente por sua segunda esposa, Amélia de Leuchtenberg, para o Barão de Drummond, um ano antes da morte da antiga imperatriz. Os nomes de suas ruas homenageiam grandes nomes do abolicionismo: a própria avenida principal, antiga Avenida 28 de Setembro e hoje Boulevard 28 de Setembro, relembra o dia da proclamação da Lei do Ventre Livre. Foi em Vila Isabel que também nasceu o primeiro Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, em 5 de janeiro de 1888. Segundo Oliveira (2005), Vila Isabel entrou para a história tendo sido o primeiro bairro planejado do país. Incentivado pelo Barão de Drummond, o projeto do engenheiro Bittencourt da Silva incluía 13 ruas a partir do Boulevard 28 de Setembro. Foi neste contexto de desenvolvimento e planejamento, que surgiu na região a Companhia Confiança Industrial. Referenciada com essa denominação em jornais e documentos até a segunda década do século XX, começou a ser conhecida também como Fábrica Confiança na mesma década, tendo sido desde a atualidade o nome com a qual mais é reconhecida.

Fundada em 1885 e inaugurada em 5 de março de 1887 como “Companhia Confiança Industrial” com uma cerimônia de recepção, ao meio-dia, para os empregados e operários da fábrica, funcionou até 1965, marcando a história do bairro de Vila Isabel, localizado na zona norte do Município do Rio de Janeiro. As dependências da antiga fábrica, ficam há um pouco mais de dois quilômetros do famoso estádio de futebol, Maracanã.



Il. 1: Imagem de Satélite sinalizando a distância das antigas dependências da Fábrica Confiança até o estádio Maracanã.

Fonte: *Google Maps*.



Il. 2: Antiga Fábrica Confiança, vista da Rua Maxwell, 2022.

Fonte: Autor.

Operários foram e seguem sendo pessoas comuns, que percorrem a vida buscando reverter seus tempos em força, luta a fim de encontrar no trabalho digno e braçal o sustento de seus familiares. Desse modo, pensar a noção de fábrica é olhar para pessoas comuns. Pensar esses espaços implica em refletir enquanto sociedade sobre o que construímos e moldamos em nossa realidade. Somos agentes, somos testemunhas de nosso tempo.

O músico e poeta Noel Rosa (1910-1937) conviveu e observou a rotina de um bairro marcado por indústrias. A música “Três Apitos” é recorrentemente citada e lembrada em diversas publicações sobre a indústria brasileira. Se escuta a composição de Noel, se escuta falar da antiga “Fábrica Confiança”, objeto de estudo da minha pesquisa e protagonista deste artigo.

### **A FÁBRICA CONFIANÇA E INDÚSTRIA**

Tendo funcionado por 78 anos, até 1965, ficou por anos fechada e depois reabriu como shopping, tendo virado mercado e hoje em dia após um ano novamente fechada, reabriu as portas em 31 de outubro de 2023 como Assaí Atacadista.

Segundo Beatriz Thiessen (2006), o estudo arqueológico de estruturas tais como fábricas, moinhos e estradas de ferro, desenvolvido sob o cunho de “arqueologia industrial” surgiu na Inglaterra na década de 1950, quando Donald Dudley, um latinista da Universidade Birmingham, começou a organizar visitas dos seus estudantes à antigas instalações industriais na região. Essa prática acabou sendo seguida por amadores que se preocupavam com a preservação dos vestígios da industrialização.

Segundo os arqueólogos Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1998), a arqueologia industrial começou a ter aceitação na arqueologia nos anos 1960, na mesma época em que a disciplina começou a adotar uma postura mais teórica. Nesse momento, teve como principal impulso o desejo de registrar artefatos e estruturas, iluminando, desse modo, os contextos das pessoas que trabalharam como operárias no passado. Tanto a Arqueologia

Industrial do século passado e quanto a do presente, concentram-se sobretudo na interpretação de sítios, estruturas e paisagens.

Em 1973, foi fundado o Comitê Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), que tinha como intuito aumentar a consciência sobre a importância do passado industrial.

A Carta de Nizhny Tagil, cidade da Rússia, que define o que é “Patrimônio Industrial”, seus valores e sua importância, foi elaborada em 2003, no contexto da assembleia geral do TICCIH, apresentada ao Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), do qual o comitê é consultor. Posteriormente, foi retificada e aprovada pela UNESCO.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil (p. 3), a arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda os vestígios materiais e imateriais criados para ou por processos industriais. Dado seu foco particular, aplica-se à utilização de métodos de investigação que buscam maximizar a compreensão do passado e do presente industrial.

Dentre os valores do patrimônio industrial da Carta de Nizhny Tagil (p. 4), estão: 1 – valor universal de suas características; 2 – valor social como parte do registro de vida de mulheres e homens comuns, podendo conferir forte sentimento identitário; 3 – valor científico e tecnológico; e 4 – valor estético, por sua arquitetura, design ou concepção. Portanto, pela Carta:

Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições (Carta de Nizhny Tagil, p. 1).

Reitera-se a importância do patrimônio industrial como um representante e um testemunho de atividades humanas que tem consequências, como veremos mais adiante, não apenas na sociedade, mas principalmente na paisagem da cidade. O patrimônio industrial tem em si um valor social

inerente que faz parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns. Diferente de palácios, palacetes, casas de barões, onde se exaltam mestres, opressores e grandes figuras públicas, nos ambientes industriais, sobretudo nas fábricas, podem-se e devem-se lembrar e perceber a vida e memória de pessoas comuns.

Segundo a carta de Nizhny Tagil, a adaptação e reutilização de edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribuiu para o desenvolvimento econômico de regiões muitas vezes afetadas pelo declínio das indústrias. A Fábrica Confiança, por exemplo, passa hoje pela sua segunda reutilização. Ao final dos anos 1970 se tornou um shopping e hoje é um mercado. Tendo ficado fechada por mais de quinze anos, sua reabertura não apenas ajudou e fortaleceu o comércio na região como também cooperou na segurança das redondezas. Conforme essa nova forma de ocupação indica, uma cidade que tem seus espaços ocupados e aproveitados torna-se mais segura para todos. (Il. 3)



Il. 3: Captura do vídeo “Desfile de Vila Isabel 1994.

Fonte: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6hXazEwadcE>

No entanto, é preciso notar que a carta assinala que as intervenções realizadas nos sítios industriais devem ser reversíveis e provocar um impacto mínimo, o que nem sempre acontece. Conforme pontua a arquiteta Beatriz Mugayar Kuhl (2018), não é o fim que deve moldar o espaço reutilizado, mas sim a funcionalidade que se deve adequar a estrutura industrial.

Segundo Palmer e Neaverson (1998) a arqueologia industrial é uma disciplina que amadureceu nas últimas décadas olhando além do monumento industrial, considerando não apenas a importância das questões tecnológicas e econômicas, mas também os seus significados culturais, que podem ser lidos como símbolos de transformações nas relações humanas (1998, p. 15). Conforme notou, antes disso os trabalhos de arqueologia industrial eram voltados em sua maioria para as técnicas, buscando, nessa linha, compreender a identificação e proteção de máquinas, eventualmente apresentando um certo tom de saudosismo e romantismo em relação ao auge de certas indústrias. O fator humano pouco era lembrado no começo e desenvolvimento das primeiras décadas da arqueologia industrial, o que vem mudando.

É nesse contexto que também resolvemos trabalhar e nos envolver com as ideias da Arqueologia da paisagem, sendo ela um componente importante para compreender, entre outros momentos da história, a industrialização. Através dela se torna viável pensar não só a influência da indústria no bairro de Vila Isabel, mas também no Rio de Janeiro como um todo.

### **VESTÍGIOS DO TEMPO**

A Fábrica Confiança e seus arredores são testemunhas que representam o início de uma industrialização brasileira, que surge ainda no fim do Império. A paisagem influencia e reflete a ação dos indivíduos no espaço através do tempo e da materialidade. O termo paisagem vai muito além de uma estrutura física. Isso porque ele engloba dimensões sociais e aspectos metafísicos (Darvill, 1999). Nesse sentido, a ideia de paisagem abrange temas aplicáveis à relação entre as pessoas e os mundos que elas criaram para viver.

As Vilas Operárias são fruto de uma intenção, de se ter, por exemplo, parte dos trabalhadores perto do local de serviço, assim como o clube de futebol, a escola e as peças de teatro que existiam. Todas essas estruturas, colocadas ao redor da fábrica, estão diretamente relacionados com a realidade que foi criada e/ou planejada para os operários. Revelam, assim, o pensamento e

ideias daqueles que tinham maior influência sobre o espaço e interesse nas práticas espaciais. Todavia, estavam eles suscetíveis às vontades, reclames e insatisfação dos operários. A agência humana se apresentava quando, juntos, os trabalhadores buscavam por seus direitos e marcavam o espaço e seu entorno, não só em relações ao serviço e lazer, mas também de resistência, sendo nesse momento exercida também individualmente.

Segundo Tilley (1997) a especificidade de um lugar é um elemento essencial para a compreensão do seu significado. Em suma, o espaço não teria uma essência substancial em si, apenas um significado relacional, criado por meio das relações entre povos e lugares. Apesar de ser construído por diferentes grupos e indivíduos, o espaço não tem uma essência universal. Ele depende de quem o está experimentando e como. A experiência espacial, conforme aqui assumida não é inocente e muito menos neutra, mas investida de poder em relação à idade, sexo, posição social e relacionamento dos indivíduos e grupos.



Il. 4: Esquina das Ruas Senador Soares e Araújo Lima.  
Fonte: Autor.

Como se reconhece um espaço? Imaginemos um grupo que divide e convive em um mesmo ambiente, um bairro por exemplo. Eles conhecem as regras ditas e não ditas de determinado local, sabem onde é seguro ou não andar, até que horas se pode ir a tal rua sem risco de assalto. Sabem a hora que o sol se põe, o melhor caminho a seguir quando se estiver na rua e começar a chover. Esses locais são conhecidos por meio da experiência, da vivência no dia a dia. O que define um lugar? Pessoas que trabalham numa região? Empresas que existem por ali?

A resposta de Tilley (1997) para essa pergunta é que os espaços estão intimamente relacionados com a formação de biografias e relações sociais. Portanto, todos os lugares possuem qualidades experienciais e metonímicas, existem em relação de parte-todo.

Os trabalhadores estão vivendo na região de uma fábrica pela oportunidade de emprego. Por ali existir mão de obra disponível junto a recursos naturais se estabeleceu a indústria. Atraindo pessoas, que vinham até de outros estados, a Fábrica Confiança, por exemplo, ajudou a moldar e definir o seu entorno, enquanto são os próprios indivíduos daquela região que transformam e reconhecem o espaço. Ainda segundo Tilley (1997) as localidades são lugares criados e conhecidos por meio de experiências, símbolos e significados comuns.

Para o arqueólogo grego Yannis Hamilakis, a arqueologia lida fundamentalmente com a materialidade do tempo. Ela “explora a presença material e o concreto, as qualidades formais específicas dos seres e das coisas (incluindo o espaço), suas vidas sociais e culturais, bem como seus significados em várias temporalidades” (Hamilakis, 2016, p. 20, tradução nossa).

Em sua obra *Arqueologia e os Sentidos*, ele constrói uma reflexão sobre a arqueologia e os sentidos corporais, reiterando durante o curso do seu livro que esta não é uma exploração do desenvolvimento de diferentes modalidades sensoriais, como o seu título pode indicar. Pelo contrário, é uma reflexão sobre as possíveis contribuições dos sentidos para o estudo da

materialidade, afinal, “os sentidos dependem da materialidade e do caráter físico do mundo. Em outras palavras, os sentidos são o meio pelo qual a materialidade produz a recordação e a memória”(Hamilakis, 2016, p. 23).



Il. 5: Quadra do Salgueiro, à Rua Silva Telles, Andaraí, 2022.  
Fonte: Autor.

A arqueologia dos sentidos além de ser viável e tangível, estaria para o autor em uma posição privilegiada para explorar reinos sensoriais, podendo contribuir imensamente para uma discussão mais ampla da experiência sensorial e seus efeitos sobre o poder social. Para Hamilakis (2015), a arqueologia tem uma obsessão por um tipo de evidência que estaria enraizada em uma tese que se recusa a reconhecer as habilidades afetivas do outro. Portanto, uma “Arqueologia dos Sentidos” como projeto tem uma importância na atualidade. Afinal, a interação sensorial com o mundo material é fundamental para a experiência e a geração e ativação da memória corporal.

A Fábrica de Tecidos Confiança funcionou por 78 anos. Gerações cresceram na região tendo a fábrica como uma certeza e seus apitos como parte da rotina. Paisagens se constroem além do que apenas se pode ver ou tocar. Uma indústria influencia todo tipo de atividade humana ao seu redor, seja

pela fumaça das chaminés, pelos barulhos das máquinas, pelo movimento dos operários ou até mesmo pelos seus apitos e sirenes. Dell Upton em seu texto *Sound as Landscape* de 2007, comenta que o som é profundamente corporal. Todo som é vibração, um movimento no corpo por forças do ambiente. Através do som podemos perceber o quão longe estamos de determinado lugar ou coisa, a localização do indivíduo no espaço se permite pelo som. “Envolvemos nosso ambiente por meio de uma série de processos metabólicos e neurológicos que afetam o nosso senso de individualidade de maneiras inconscientes, não racionais, mas decisivas. O eu, é sempre um eu no espaço” (Upton, 2007, p. 24).

A fenomenologia nos ajuda a colocar os indivíduos no espaço. Quando olhamos a Fábrica Confiança hoje vemos o barulho dos carrinhos do supermercado, o som das caixas registradoras, os anúncios de promoções. No entanto, não é em toda paisagem, muito menos na totalidade deste ambiente que podemos perceber de alguma forma direta como os indivíduos se relacionavam e viam o espaço pelos sons. Gritos, apitos, o som do maquinário, tudo isso, de sua forma, moldou essa realidade, fazendo parte da estrutura social de seu tempo.

Segundo Upton (2007), grande parte da paisagem sensorial compreende o produto inevitável de nossa existência cotidiana, de nossa presença no meio urbano. Como já comentando anteriormente, uma paisagem industrial é construída por múltiplos agentes, suas percepções e suas memórias são afetadas por sensações. Para o autor acima, os interessados em estudar essas questões, precisam levar em conta a cidade sensorial, o que é dito, o que é cantado, batido, sacudido, saboreado, tanto quantos forem os elementos tangíveis que absorveram a atenção dos indivíduos no passado, podendo influenciar até mesmo os que hoje convivem naquele meio.

O espaço criado e desenvolvido em Vila Isabel para o fim de uma fábrica e suas vilas operárias, foi inicialmente desenvolvido e traçado com fins específicos. Os sentidos humanos, afetos e memórias foram desenvolvidos e agregados naturalmente e até inconscientemente ao longo do tempo.

Segundo Tilley (1997), as qualidades de locais e paisagens suscitam um sentimento de pertencimento e de familiaridade, que não nasce apenas do conhecimento, mas também da preocupação que proporciona uma segurança ontológica. A relação de grupos ou indivíduos com locais e paisagens também tem efeitos de perspectiva importantes. No entanto, é improvável que a experiência desses seja uniforme, já que a compressão e o usos dos espaços ainda poderiam ser suscetíveis a controles e a sistemas de dominação.

Em correspondência com essa visão, a comunicóloga Jô Gondar (2016), argumenta que a memória concebida enquanto produção do poder, destinada à manutenção dos valores de um grupo, não é equivalente à memória pensada enquanto componente ativo dos processos de transformação social e de produção de um futuro. Portanto a memória idealizada de um local de trabalho por gerentes e contramestres, por exemplo, não é necessariamente a mesma percebida a partir da rotina e da individualidade das pessoas que ali vivem suas vidas em amplas jornadas de trabalho, mas não só, pela complexibilidade dos espaços da Fábrica Confiança, ali os trabalhadores também tiveram seus momentos de lazer e memórias familiares.

Segundo Tilley (1997), todos os lugares e paisagens estão inseridos em tempos sociais e individuais da memória. Tanto seus passados como seus espaços são constituintes do seu presente. Assim, espaço e tempo não podem ser entendidos separadamente das práticas sociais que os unem. A Fábrica Confiança está e estará para sempre conectada à sua paisagem industrial, aos bairros de Vila Isabel e Andaraí, às memórias de antigos operários e moradores da região. A fábrica não pode ser vista e entendida separadamente do seu lugar, da inspiração anterior e das influências que ela provocou na paisagem.

Tilley (1997) fez uma interessante comparação entre indivíduos na paisagem com o xadrez. Para ele, movimentos na paisagem são tão importantes para a compreensão do todo quanto para a dos movimentos anteriores das peças de xadrez no tabuleiro. Sobre isso ainda fala:

Um movimento em um caminho através da paisagem, algo está constantemente se esvaindo, e algo é constantemente ganho em um mundo tátil relacional de impressões, signos, visões, cheiros e sensações físicas. Para compreender verdadeiramente uma paisagem, ela deve ser sentida, mas para transmitir um pouco desse sentimento a outras pessoas ela deve ser falada, contada ou escrita e retratada (Tilley, 1997, p. 31).

Esse pensamento dialoga com as proposições de Upton (2007) e Hamilakis (2015), apresentadas anteriormente neste capítulo. A reflexão dos sentidos junto à arqueologia da paisagem nos permite provocar a construção de um registro das múltiplas relações de indivíduos com o espaço ao longo do tempo. Todas essas relações, sem exceção, passariam pela relação da materialidade e memória, o que se torna presente em lembranças e afetos, um dia foi provocado por algo material, criado, manuseado, por pessoas que também afetaram e transformaram a paisagem.

## CONCLUSÃO

Este é o local no qual parti para a reflexão maior sobre a “multitemporalidade” na paisagem da Fábrica Confiança. Mais precisamente, foi a partir deste mesmo lugar de afeto que a minha pesquisa se originou. Cresci nas redondezas de Vila Isabel e do Andaraí. Durante minha infância, além de frequentar com certa rotina o supermercado Extra, estudava bem em frente ao mercado, na Rua Silva Telles, Andaraí — numa pequena escola municipal, tão pequena que mal tinha espaço para a prática de esportes. A escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, vizinho de porta da escola, gentilmente cedia uma de suas quadras para as aulas de educação física, onde hoje sei que resiste a arquibancada do antigo clube da fábrica de tecidos.

Quando comecei a estudar e me envolver com patrimônio, foi inevitável a lembrança da antiga fábrica que gostava tanto de ir. Pensando sobre o patrimônio da Grande Tijuca na minha monografia de graduação, comecei a notar como haviam fábricas espalhadas pela cidade, sobretudo nessa região.

De ali nasceu um desejo de estudar as indústrias do Rio de Janeiro, que teve continuidade na minha pós-graduação.

Inaugurada há 135 anos, a Fábrica Confiança até hoje preserva os valores do patrimônio industrial, entendido nos termos da Carta de Nizhny Tagil, que aqui retomamos: 1 – valor universal de suas características; 2 – valor social como parte do registro de vida de mulheres e homens comuns, podendo conferir forte sentimento identitário; 3 – valor científico e tecnológico; e 4 – valor estético, por sua arquitetura, design ou concepção. Esses valores são inerentes à natureza dos sítios industriais. Essa é uma modalidade de patrimônio que só tende a crescer, uma vez que quanto mais construímos, quanto mais nos desenvolvemos tecnologicamente como sociedade, mais espaços são ocupados de forma industrial. É preciso reconhecer o potencial desses espaços, sobretudo em relação a suas potencialidades de patrimonialização e pesquisa.

A reutilização surge como uma forma de preservação destes bens. ainda que, muitas vezes, novos usos desconsiderem práticas, funcionalidades e magnitudes internas. Preservar elementos como a fachada e demais componentes construtivos externos, ao mesmo tempo que altera e modifica espaços interiores sem a devida preocupação com a conservação dos ambientes como um dia foram vividos e contemplados, muitas vezes descaracteriza-os totalmente.

Esperamos que tenha ficado clara a influência recíproca entre a Indústria de Tecidos da Confiança Industrial e o bairro de Vila Isabel, que foi tanto influenciador como influenciado, da imagem e da memória de toda a comunidade. Se no início as lutas abolicionistas, já representadas nos nomes das ruas do bairro, eram exaltadas na construção e valorização das Vilas operárias, ao fim de seu funcionamento, Vila Isabel era exaltada pela grandiosidade e importância da indústria que ali persistiu por tantos anos, inspirando, inclusive, o poeta Noel Rosa, tão lembrado e exaltado na região.

Remetendo-nos à arqueologia industrial, conforme proposta por Palmer e Neaverson (1998), notamos que essa é uma disciplina que amadureceu nas últimas décadas, olhando além do monumento industrial, considerando não apenas questões econômicas e tecnológicas, mas também considerando seus significados culturais, que potencialmente podem ser lidos como símbolos de transformações das relações e experiências humanas.

A antiga Fábrica Confiança e seu entorno são um espaço que evidencia um dinamismo de transformações da sociedade, a partir de suas diversas modificações e usos. Podemos refletir, por exemplo, sobre as fases econômicas do país. Pode-se começar pelo surgimento da indústria nacional no fim do século XIX, pelas crises econômicas das primeiras décadas do século XX, quando por alguns anos a fábrica passou dificuldades e até chegou a ficar fechada por mais de dois anos. Para o fim das indústrias próximas ao centro da cidade, no início da década de 1960, até o surgimento de grandes shopping centers e mercados entre as décadas de 1980 e 1990.

Acreditamos que apesar de escolhas ousadas, realizamos com essa pesquisa um interessante estudo sobre as transformações da paisagem da Companhia Confiança Industrial, sendo de grande contribuição para pesquisas futuras sobre espaços industriais a partir da ótica da fenomenologia da paisagem atrelada à arqueologia. Acreditamos que ainda há muitas possibilidades de estudo do patrimônio industrial em diferentes vertentes e perspectivas, sobretudo nos espaços da Confiança. Desejamos, então, que no futuro essa pesquisa possa apoiar outros estudos sobre o tema, oferecendo-se não apenas como um produto de pesquisa, mas também como um retrato de um momento específico das transformações desse meio.

## REFERÊNCIAS

DARVILL, Timothy. The historic environment, historic landscapes, and space-time-action models in landscape archaeology. *In*: LAYTON, Robert; UCKO, Peter. *The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape*. London: Routledge, 1999.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. *In*: Estudos avançados, São Paulo: V. 20, nº. 57, p. 221-236, ago.2006.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social*, Rio de Janeiro, V. 9, nº. 1, p. 19-40, 2016.

HAMILAKIS, Yannis. *Arqueologia y los sentidos: experiencia, memoria y afecto*. Madrid: Jas, 2015.

MAIA, Antonio. *Tijuca: apontamentos para a história do “aristocrático bairro”*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Graficas, 1984-1984.

FRANCA, Nahyda; LEITE, Marcia Pereira; SANTOS, Alexandre Mello. *Quando memoria e historia se entrelacam: a trama dos espacos na Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

OLIVEIRA, Lili Rose Cruz. ROEDEL, Hiran. *Vila Isabel: de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005.

KUHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização*. São Paulo, 2018.

PALMER, M.; NEAVERSON, P. *Industrial archaeology, principles and practices*. New York: Routledge, 1998.

THIESEN, B. V. Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais que uma questão de abrangência. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, V. 4, p. 1-4, 2006.

TICCIH (Rússia). Unesco. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*. 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

TILLEY, Chistopher. *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Oxford: Berg Publishers, 1997.

UPTON, D. *Sound as Landscape*. University Of Wisconsin Press, Wisconsin, V. 26, nº. 1, p. 24-35, 1.jan.2007.